

RESENHA DO TEXTO DEMOCRACIA E IDENTIDADE DE MIROSLAV MILOVIC

REVIEW OF THE TEXT DEMOCRACY AND IDENTITY BY MIROSLAV MILOVIC

Ávilla Letícia Soares Vieira

Universidade Federal de Campina Grande, PB, Brasil

Francielly Lidiane de Sousa

Universidade Federal de Campina Grande, PB, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v1i2.35> Recebido em: 17.11.2023 Aceito em: 18.12.2023

MILOVIC, Miroslav. Democracia e Identidade. In: Sociedade e Diferença. 2. ed. Brasília: Casa das Musas, 2006, p. 47-62.

Resumo: A presente resenha aborda e analisa, de forma crítica, acerca do texto “Democracia e Identidade”, presente no livro “Sociedade e Diferença” de Miroslav Milovic, 2ª edição (2006), publicado pela editora Casa das Musas. O texto expõe e discorre a respeito da modernidade, sua bagagem idealista e os efeitos sobre os indivíduos dessa geração. De maneira avaliativa, o filósofo Miroslav Milovic elenca pensadores modernos e antigos, tais como Descartes, Arendt, Husserl e Habermas para formular, partindo deles, pareceres sobre a “promessa da modernidade” e como a Democracia é ofuscada pelo egoísmo liberal que supera o sujeito sobre o todo que permeia a sociedade. A partir do pensamento proposto, é possível analisar uma “democracia autorreflexiva da diferença”, que atende as demandas exigidas pela evolução da vida social, proposta por Milovic.

Palavras-chave: Democracia; Identidade; Modernidade.

Abstract: The present review addresses and analyzes, in a critical way, about the text “Democracy and Identity”, present in the book “Society and Difference” by Miroslav Milovic, 2nd edition (2006), published by the publisher Casa das Musas. The text explains and discourses about modernity, its idealistic baggage and the effects on the individuals of this generation. In an evaluative way, the philosopher Miroslav Milovic lists modern and ancient thinkers, such as Descartes, Arendt, Husserl and Habermas, to formulate, starting from them, opinions on the “promise of modernity” and how democracy is overshadowed by liberal egoism that overcomes the subject over the whole that permeates society. From the thought proposed, it is possible to analyze a “self-reflective democracy of difference”, which meets the demands of the evolution of social life, proposed by Milovic.

Keywords: Democracy; Identity; Modernity.



Introdução

Nessa resenha será abordada e analisada de forma crítica acerca do texto “Democracia e Identidade”, que está presente no livro “Sociedade e Diferença” de Miroslav Milovic, 2ª edição (2006), publicado pela editora Casa das Musas; o texto apresenta em sua construção frases de alguns filósofos, sendo esses Descartes, Habermas, Apel, Kant, Hegel, Marx, e demais pensadores que agregam nesse discurso proposto por Milovic.

Em seu artigo, Miroslav a partir de um trecho de fala de Descartes, “Penso, logo existo”, mas não cita: “Penso, logo existes”, ou, “Penso, logo alguém existe”. A partir dessa reflexão, Milovic prediz que a certeza moderna é uma certeza que está sobre um determinado sujeito, mas não sobre os demais. Ainda nessa perspectiva, supõe-se que a modernidade começaria afirmando uma nova identidade. Essa identidade seria a metafísica do indivíduo.

Essa obra literária conta com informações específicas sobre a identidade e democracia, a partir de fundamentos formulados por cada filósofo. Abrangendo também os termos da modernidade, da racionalidade, do monólogo, da política, dentre outros.

Em síntese, ao longo da resenha crítica será debatido sobre as considerações de Miroslav e de cada filósofo, explicando de forma geral o que seria democracia e identidade, e sua importância. Além disso, será tratado também ao longo do texto, o tom crítico de Milovic à subjetividade e egoísmo, que foram marcados durante a modernidade, sendo assim controlada pelo capitalismo.

O egoísmo liberal e a “promessa da Modernidade”

O texto “Democracia e Identidade”, do autor Miroslav Milovic, traz um intenso diálogo entre muitos autores, o que permite uma imersão muito clara pelos pontos-chave da Filosofia Moderna. Nesse sentido, um dos primeiros pontos abordados por Milovic é a “certeza moderna”, cujo crédito está sobre o sujeito, não sobre os outros, configurando, assim, uma nova identidade trazida pela Modernidade, que o próprio autor chama de “egoísmo liberal”. Esse ponto é fulcral para observar a conjuntura democrática atual, o que norteia as escolhas e pautas eleitorais decididas atualmente, orientada pelos anseios e convicções individuais. Por isso, como o próprio Milovic pontua, é necessário reconfigurar o modelo democrático hodierno.

Nas linhas do autor, o objetivo da Filosofia do Direito é reestruturar o caminho da Modernidade, começando com o direito natural, passando pela moralidade kantiana e terminando na liberdade concreta e realizada. Nesse viés, podemos citar aqui um outro texto de Miroslav Milovic analisado em outro momento das atividades do curso, “Jusnaturalismo e Idealismo”, onde o autor relata sobre a “promessa da Modernidade” ser esse ideal de liberdade, contudo, a mesma não a assegura.

Continuando no texto em estudo, Milovic cita a filosofia hegeliana e sua concepção colonialista, alegando que os africanos, por exemplo, não possuíam história, assim sendo, a liberdade seria conhecida por eles através dos colonizadores, bem como seu amadurecimento viria desse processo. Mais uma vez, “Jusnaturalismo e Idealismo” pode ser ressaltado nessas linhas, uma vez que Milovic descreve um pensamento habermasiano sobre o Direito na atualidade, que configura-se numa colonização do mundo ao invés de afirmar os processos democráticos.

Isso pode ser visto também na ciência moderna e discussões acadêmicas, onde o grande peso da cultura, ideais e pensamentos caem no conceito eurocêntrico, seja através dos autores ou opiniões aceitas academicamente.

Não obstante, a história configura-se na afirmação do geral, trazendo uma nova forma de orientação em detrimento àquela antes apresentada. Contudo, esse ideal traz marcas modernas de dominação, preço esse que torna-se cada vez mais custoso aos povos dominados. Milovic pontua mais uma vez a “promessa da Modernidade”, pensando criticamente sobre o custo de ser “moderno” e “globalizado”, podendo citar mais uma vez “Jusnaturalismo e Idealismo” e o conceito atual de colonização, tendo os Estados Unidos uma potência que, seja por influência direta ou indireta, obtém esse poderio colonizador sobre países menores, emergentes e até mesmo os desenvolvidos.

A banalidade do mal e a fenomenologia de Husserl

Caminhando no texto, podemos analisar a fenomenologia de Husserl e suas ligações com a banalidade do mal de Hannah Arendt. Nas palavras do próprio autor, “parece que só a fenomenologia seria uma resposta adequada, pois ela tenta superar essa diferença entre a essência e a existência, entre o ser e a aparência” (Milovic, 2004, p. 37).

Nesse sentido, a possibilidade se torna superior à facticidade, o pensamento sem essências. Essa separação entre o ser e a aparência é rebuscada em Hannah Arendt, sendo importante para toda história da civilização, pois a estrutura estática entre ser e aparência traria prejuízos ao meio e também ao pensamento em si.

Esse posicionamento nos leva à conseqüente trágica da conjuntura política atual, pois, a inabilidade do pensamento não altera a estrutura dominante do ser, sendo assim, Milovic relaciona brilhantemente a banalidade do mal de Arendt ao déficit da democracia moderna vir acompanhada de um pensamento estático, baseado numa tradição filosófica estagnada e enraizada ainda naquela velha conjuntura colonial. Como pontuado por Milovic, a crise na democracia pode estar relacionada à crise do pensamento. Retomando “Jusnaturalismo e Idealismo” do mesmo autor apresentado, diferente do defendido por Maquiavel, a ética não é mais o pressuposto da política, confrontando a “promessa da modernidade” que concretizava a liberdade através da discussão sobre a eticidade.

Ainda nos termos de Husserl, Milovic aponta que a solução para o “solipsismo”, ou seja, esse “egoísmo”, seria a adesão da Filosofia aos “Outros”. A fenomenologia, então, abre esse viés alternativo para se pensar nos Outros, na comunidade e na democracia fora desse egocentrismo intelectual. O autor, então, retrata a crise atual que vivemos, pois reduzimos a vida e seu sentido ao pensamento reificado, ou seja, meramente materialista e repetido. A repetição das ciências e o tangenciamento do pensamento livre, seria esse o ideal de liberdade prometido pela Modernidade?

Milovic ressalta, nessa linha de raciocínio, sobre o eurocentrismo encontrado em Hegel e relaciona-o ao novo humanismo ligado ao sujeito necessariamente europeu. Milovic critica o posicionamento de Husserl e constata a afirmação desse pensamento eurocêntrico nos seus ideais da fenomenologia. Nas linhas do próprio Milovic:

“Um novo humanismo teria, acredito, que questionar o essencialismo até às últimas

consequências e, em lugar do sujeito, em lugar dessa forma moderna da identidade, pensar a diferença. O novo humanismo poderia ser, então, o pensamento da diferença.” (Milovic, 2004, p.40).

Ou seja, a Modernidade não assegura esse pensamento da diferença, ofuscando-o em detrimento à hegemonia europeia, portanto, a “promessa da Modernidade”, mais uma vez, perde o seu sentido.

Habermas, pensamentos e críticas

Conforme adiantamos no texto, as discussões promovidas por Milovic acentuam-se nos ideais propostos por Habermas. Assim, Habermas, como exposto por Milovic, traz a ideia de certeza pragmática e intersubjetiva, com a dimensão da comunidade apresentada nesses dois conceitos, pois a intersubjetividade é o alicerce de uma sociedade racional.

Não só nesse conceito se fixa Milovic, mas também expande para a “legitimidade social” de Habermas. Para essa legitimidade, um ordenamento só é reconhecido como justo se obtém bons argumentos para classificá-lo assim socialmente. Desse ponto de vista podemos tirar várias análises atuais, seja na afirmação do neocolonialismo ou até mesmo nos ideais mais academicamente aceitos atualmente, anteriormente exposto, e a crítica às diversas histórias dos ordenamentos jurídicos presentes nos mais variados países, pois, se há legitimidade social no ordenamento e na filosofia eurocêntrica, apresenta-se, então, o colonialismo histórico e a adesão forçada de outros povos a esses conceitos.

Diante disso, Habermas ainda defende que uma sociedade cuja organização é pautada em interesses particulares não atingiu a racionalidade, pois ela, juntamente à política e à ética, são frutos das decisões coletivas.

Diante de todas as análises até agora, qual seria o maior mediador dessas afirmações? Milovic traz, então, um dos maiores protagonistas do cenário geopolítico atual e propulsor de divergências discursais, o capitalismo. Para Habermas, o capitalismo é uma estrutura semântica, pois dita as condições do sentido, da liberdade e outras definições diversas. Ou seja, é um mundo prático, porém, não pragmático, impossibilitando a comunicação, democracia e a solidariedade advindas da intersubjetividade.

Assim, o posicionamento de Habermas volta-se à liberação do mundo da colonização sistêmica, liberdade de comunicação e a crítica voltada para a abertura de novas possibilidades. Essa liberdade pragmática universal de Habermas, no pensamento de Milovic, abre brecha para que se veja a racionalidade fora do sistema. Esse ideal tem a capacidade de articular uma nova sociedade, autorreflexiva, que pode repensar suas condições de constituição, confrontando-se com a ideologia.

Milovic também critica o comunismo, pois, para ele, este só seguiu o caminho da metafísica e transformou a vida numa imobilidade. Sendo assim, o posicionamento de Milovic torna-se arbitrário ao capitalismo e também à concepção adotada pelo comunismo metafísico.

Adicionando o tom crítico ao ideal habermesiano, Milovic expõe que o mesmo finda como um bom filósofo alemão, inserindo-se no pensamento hegeliano, pois a filosofia da comunicação herda aspectos da metafísica moderna, configurando, assim, na primazia do dever

sobre o ser. Milovic frisa outro ponto interessante, a possibilidade da elaboração das normas estarem vinculadas às estruturas éticas ou particulares. Isso abre portas para que analisemos a conjuntura regulamentadora moderna e as decisões em cima dessas normas, pois, o cenário atual demonstra decisões arbitrárias à democracia e pautadas no individualismo do julgador ou do representante político de um país.

Em outros termos, Milovic retoma que a simetria das relações sociais proposta por Habermas abre espaço para a limitação das condições da comunicação. Mesmo que essa simetria proponha uma ideia regulativa para a nova sociedade racional, ela supõe novas formas do dever, não integrando o particularismo do outro.

Nesse sentido, outra questão é levantada: “todos devem aderir essas novas condições da racionalidade moderna, em outras palavras, europeia?”. Esse questionamento é importante para retomar o proposto mais acima, pois, os ideais racionais são impostos aos povos através da globalização. A necessidade de se modernizar, de alcançar o tão sonhado desenvolvimento é incutido no consciente nacional, seja no modelo eurocêntrico ou americano, assim, o neocolonialismo se afirma, pois, para a ciência moderna, este é o modelo da racionalidade. Como Miroslav Milovic assinala notavelmente: “Parece que toda a história da filosofia comete uma injustiça profunda, tematizando várias formas do Mesmo e esquecendo o Outro” (Milovic, 2004, p. 44). Nesse sentido, a fenomenologia tem sua importância na separação entre filosofia e as estruturas dominantes. Então, outro autor importante é apresentado por Milovic, trazendo a conclusão perfeita dessa discussão.

Lévinas e a importância da sensibilidade frente à diferença

Antes de ater-se a Lévinas, Milovic acentua os ideais baseados no egoísmo europeu de Heidegger, pois seus conceitos expõem uma geopolítica onde o Ocidente e a Europa são os protagonistas. Heidegger, portanto, quer destruir o sujeito ideal, porém o “Outro” depende desse sujeito. A partir desse pressuposto, Lévinas aparece para radicalizar a ideia de destruição heideggeriana da metafísica. A consciência, então, afirma apenas o Mesmo, já que o Outro é a diferença posta. Complementar a esse levantamento e adicionando à ideia de corporalidade trazida por Merleau-Ponty, o Rosto abre a nudez exposta ao Outro, a fragilidade e a miséria desta. Esse apontamento pode ser referenciado à “Necrópole da Vida Nua”, ainda de Milovic, pois, nesse artigo, o autor retrata a exposição humana frente a um Estado que detém o poder sobre a morte dos indivíduos, assim sendo, essa mortalidade do Rosto ao Outro é evidenciado.

Concernente a esse tópico, Lévinas elabora a ideia da ética atada à sensibilidade, pois a política permite a adesão do Outro à sociedade egocêntrica, e essa relação produz a justiça. Como levantado por Milovic, “as guerras são sempre a negação dos outros” (Milovic, 2004, p. 45). Partindo disso, constata-se que o Estado moderno é amparado na ideia dos Outros como inimigos, pois, para que se haja a soberania, é necessário aniquilar aqueles que se opõem à hegemonia nacional sobre outros povos. Nesse sentido, Lévinas afirma que a diferença é fundamental para o exercício da democracia, pois a identidade não é o pressuposto para ela, mas sim sua desconstrução.

Para ratificar esse posicionamento, Milovic traz exemplos contemporâneos que simulam

os agravos que a negação do Outro pode provocar. Seja no conceito eurocêntrico de Hegel, seja no anti-semitismo acentuado pelo cristianismo ou até mesmo na repetição exacerbada perpetuada pelo capitalismo, todos esses reafirmam a democracia enraizada na identidade, ocultando o ideal de diferença que pode promover a política e a justiça. A filosofia, portanto, tem esse débito social para que a diferença seja exaltada entre os povos, assim, a democracia será efetivada.

Considerações finais

Finalmente, Miroslav Milovic traz pontos importantes acerca da democracia e sua separação da identidade subjetiva dos indivíduos. Dialogando entre vários autores, propondo críticas aos seus posicionamentos e até aderindo a alguns pontos, Miroslav traz um ponto-chave para entendermos como seria uma democracia que abrangesse as demandas sociais promovidas pela evolução da vida social.

Citando Lévinas mais uma vez, a diferença apresenta-se como o cerne da democracia, pois essa só poderá ser efetivada quando ater-se à sensibilidade provocada por essa diferença. Por isso, Milovic termina sua apresentação com duas ideias centrais, uma sociedade autorreflexiva que pode repensar sua organização contra as ideologias, como também a empatia para o diferente, pois, sem ambas, a Filosofia em si cairá na repetição maquinaria apresentada pelo capitalismo, fechando as possibilidades da espontaneidade histórica. Esse ideal é apresentado de forma desejada por Milovic, que em suas argumentações convence-nos de que uma democracia só pode ser exercida caso seja envolvida por uma comunidade autorreflexiva da diferença.

Referências

MILOVIC, Miroslav. Democracia e Identidade. In: **Sociedade e Diferença**. 2ed. Brasília: Casa das Musas, 2006, p. 47-62. Arquivo PDF. Disponível em: <http://file:///C:/Users/Cleodomar/Documents/Milovic.%20%20Democracia%20e%20Identidade.pdf>. Acesso em: 14 de outubro de 2023.

MILOVIC, Miroslav. Jusnaturalismo e Idealismo. **Ensaios Filosóficos**, v. 9, p. 128-150, maio de 2014. Disponível em: http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo9/Miroslav_Milovic.pdf. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

MILOVIC, M. NECRÓPOLE DA VIDA NUA: PARALELISMOS ENTRE AGAMBEN E PAHOR, Arquivo PDF. Revista Profanações, Ano 7, 2020. Disponível em: <http://file:///C:/Users/User/Documents/Filosofia%20Geral%20e%20do%20Direito/1.%20Necro%CC%81pole%20da%20vida%20nua.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2023.